

## CONVENÇÕES VELHAS E NOVAS: A INTIMIDADE NA MIRA DA CRÔNICA

Prof. Ms. Angela Maria Pelizer de Arruda (UEL)

### **Resumo:**

*Sendo a crônica o gênero do cotidiano, do simples, do temporal, talvez seja o lugar ideal para encontrar e discutir sobre a questão da intimidade. Partindo de uma tentativa de esboçar e contrapor velhas e novas convenções sociais diante do tema aqui explicitado, o presente trabalho terá como base alguns teóricos acerca da intimidade - como Anthony Giddens, Paula Sibilia, Zigmund Bauman, entre outros. Pretende-se, assim, refletir sobre o tema a partir da leitura de algumas crônicas de Luis Fernando Veríssimo e Moacyr Scliar enfatizando alguns pontos acerca da intimidade na pós-modernidade: família, casamento, relacionamento sexual, relação entre pais e filhos, entre outros.*

**Palavras-chave:** crônica, intimidade, pós-modernidade

### **1 Introdução**

2 Definir intimidade pode não ser tão simples como nos apresentam os dicionários. Pensar, ao longo da história da humanidade, sobre a questão é ainda mais complicado. As formas em que se estabeleciam os relacionamentos íntimos não eram exatamente como acontece nos dias atuais.

3 Pode haver também divergência quanto ao uso da palavra no que diz respeito à delimitação do círculo de intimidade. Quem é nosso “íntimo”? O que é necessário haver para que se possa considerar alguém como tal? Quais são os critérios ou vínculos que tornam as pessoas íntimas? E o que faz com que uma pessoa deixe de ser assim considerada? Questões como essas têm tomado espaço em muitos ramos das ciências humanas e acabam por trazer respostas diferentes se considerarmos as diversidades espaço-temporais.

4 O que é possível afirmar diante de tantas divergências, convergências e questionamentos quanto à questão da intimidade é que ela é mais pública do que nunca. A exposição da intimidade está cada vez mais na “moda” e garante qualquer tipo de audiência e vendagem. Quanto mais íntimo, mais atraente. O privado se torna público, e o público aplaude todas as exposições dessa privacidade, que abre a quarta parede para quem quiser dela se deleitar com todas as proezas próprias da vida íntima.

5 Este artigo não intenciona esgotar o assunto – posto que sua amplitude já foi mencionada. Ao contrário, seu objetivo é apenas instigar outras leituras e possibilidades acerca do assunto. Dessa forma, trataremos apenas de um gênero literário: a crônica; em um momento: a contemporaneidade; de dois autores: Luis Fernando Veríssimo e Moacyr Scliar; a partir de um foco: as transformações ocorridas em determinadas convenções sociais no tocante aos relacionamentos íntimos. Assim, talvez seja possível compreender como a literatura brasileira, representada pelo gênero acima citado, explora a questão da intimidade e algumas mudanças pelas quais o próprio conceito pode ter passado.

### **6 A INTIMIDADE E A CRÔNICA**

7 Na crônica “Definições”, Luis Fernando Veríssimo diz que “as pessoas só se definem no seu relacionamento com as outras”. Somos o que somos não por nós mesmos, mas pelo que construímos em nós nos relacionamentos com os outros. “Ou seja: ninguém é nada sozinho, somos o nosso comportamento como o outro. Principalmente com aquela versão extrema do outro que é o outro de outro sexo” (2002, p. 35).

8 O cronista continua dizendo que há uma pesquisa recente que agrupa as pessoas em seis

tipos, de acordo com seu comportamento com o sexo oposto. O primeiro grupo, denominado “Simbiótico”, é aquele que, “numa relação, exige e cede mais ou menos na mesma proporção” (VERÍSSIMO, 2002, p. 35). No segundo, está o tipo “Civillizado”, “que se preocupa em ter um comportamento esclarecido em relação ao outro, respeitando sua iniciativa própria e seu espaço” (VERÍSSIMO, 2002, p. 36). Já o terceiro grupo é composto por seres do tipo “Egoísta”, cujas características principais se resumem em alguém que só pensa em si mesmo em qualquer que for a situação. Um exemplo dado pelo cronista é durante o ato sexual, o egoísta diz: “Você se importa de acabar sem mim? Amanhã tenho dentista às oito” (VERÍSSIMO, 2002, p. 36). O “Individualista” é considerado pelo cronista como uma “versão atenuada do tipo Egoísta” e é descrito como aquele que “sempre deixa claro, ao começar uma relação, que não sacrificará sua individualidade pelo amor, e estabelece os limites de cada parceiro” (VERÍSSIMO, 2002, p. 36). Em quinto lugar, encontramos o “Controlado”. Esse tipo sempre dá “razão ao outro, cuida do que diz, suprime sua agressividade e enfrenta qualquer problema de costas, recusando-se a vê-lo. Em suma, se controla” (VERÍSSIMO, 2002, p. 36-37). Por último, temos o tipo “Doador”. Esse

9

só tem uma preocupação: fazer tudo pelo outro, inclusive sacrifícios extravagantes (...). Sua maior felicidade é ser suficientemente desprendido e acumular créditos emocionais o bastante para um dia poder dizer para o outro a grande frase, para a qual ele vive: “Depois de tudo que eu fiz por você!”. O tipo Doador é, na verdade, o tipo Chantagista disfarçado (VERÍSSIMO, 2002, p. 37).

10

11 Com essa crônica, podemos perceber o grande caminho a ser traçado por alguém que pretenda se aprofundar no tema intimidade. Note-se também que essa é apenas uma pontinha do grande *iceberg* que permeia esse assunto intrigante e, acima de tudo, fascinante. Os tipos apresentados por Veríssimo são apenas alguns comportamentos humanos diante dos relacionamentos, restritos ainda ao sexo oposto. O que não inclui os relacionamentos homossexuais. É claro que o próprio autor diz: “Se você não se enquadrar em nenhuma destas categorias, procure orientação. Você pode estar no planeta errado”. Então, é possível que haja em nós um (ou mais) desses tipos apontados pelo cronista, independente de como é o nosso relacionamento – hetero ou homossexual.

12 Há de se esclarecer ainda que trataremos apenas de relatar a exposição da intimidade numa linha mais contemporânea, sem nos estendermos ao longo da história. É interessante, porém, lembrar as palavras de Anthony Giddens, na introdução do seu livro *A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, que fazem referência a uma “revolução sexual”, levando pensadores refletirem sobre esse assunto - tão velado pelos tabus sociais por muitos séculos e que representa hoje “um reino potencial da liberdade” (1993, p. 09).

13 Essa revolução trouxe muitas mudanças no campo do relacionamento nos mais diversos âmbitos (familiares, sexuais, sociais, entre outros). Os comportamentos se transformaram: as mulheres lutam pela igualdade dos sexos; os homens reconhecem que não são os únicos seres detentores do poder; pais e filhos tecem um novo tipo de relacionamento; as famílias são reconstruídas a partir de novos relacionamentos; enfim, as mudanças podem ser vistas a olho nu e dão vazão a todo tipo de exploração do tema pelas mídias, pela sociedade, pelas artes – incluindo especificamente aqui a literatura.

14 Giddens faz ainda uma trajetória histórica da relação entre o homem e a mulher e os conceitos de amor, sexualidade e relacionamentos íntimos. Restringindo nosso foco ao século XX e XXI, podemos perceber que muitos comportamentos ditos “normais” neste século, eram tidos como um verdadeiro escândalo naquele, e vice-versa. Um exemplo interessante é a condição do casal para o casamento. As experiências de ambos se intensificaram, a virgindade não é mais símbolo de código de conduta e de moral. Hoje, a distinção da integridade ou não das garotas se dá por meio de outras atitudes, não simplesmente pelo “selo” da virgindade.

15 Muitas outras convenções mudaram, se transformaram. Aquilo que era tido como

normal tornou-se obsoleto, e aquilo que era considerado imoral, tornou-se comum. Observemos a crônica “Conselho de mãe”, também de Luis Fernando Veríssimo. O autor inicia relatando que os conselhos dados pela mãe às filhas antes do casamento não são mais os mesmos. Esses conselhos variam muito “de cultura para cultura e mudam com o tempo, pois o que uma filha de antigamente ouvia da mãe, quando havia pelo menos uma presunção de virgindade, era muito diferente do ouve hoje” (VERÍSSIMO, 2002, p. 139). Aliás, “não há mais nada a ser ensinado sobre as surpresas e as artimanhas de uma noite de núpcias – a não ser o que a filha pode ensinar à mãe” (VERÍSSIMO, 2002, p. 139).

16 Para dar continuidade à tradição, a mãe dá outros conselhos que visam atender aos aspectos práticos do casamento. Para os mais românticos, a fala da mãe chega a ser cética demais, revelando uma completa desilusão quanto aos sentimentos mais doces e profundos que devem reger uma feliz união.

- Acabou a lua-de-mel. É o primeiro dia do casamento real. Deste momento em diante, vocês não são mais apenas duas pessoas apaixonadas. São coabitantes.

- Certo, mamãe.

- Entende? Coabitante. Vão ocupar o mesmo espaço, e o espaço é que define a relação entre as pessoas. Não é a cama. A acama é um espaço para tréguas, negociações, troca de prisioneiros etc. o verdadeiro espaço em que se decide um relacionamento é fora da cama. É tudo que não é cama. Você está me ouvindo?

- Estou, mamãe.

- Muito bem. É o primeiro dia normal de vocês. O primeiro em que vocês passarão mais tempo fora da cama do que na cama. O dia em que começará a se delinear a rotina do seu casamento, as regras implícitas da sua coabitação. Você precisa deixar claro o seu perímetro de poder, desde o primeiro momento. Como um bicho marcando, com a urina, os limites do seu território (VERÍSSIMO, 2002, p. 140).

17

18 Nesse trecho, como em toda a crônica, a fala da mãe é predominante, num tom conselheiro – e até intimidador – como alguém que tem experiência e deve passá-la à filha. Por outro lado, a filha se mostra atenta às palavras da mãe, apenas respondendo à progenitora com respostas curtas, mas sem se defender, argumentar ou qualquer coisa que possa sugerir que a recém-casada possa discordar de sua mãe.

19 Segundo o dicionário Aurélio, coabitar significa: 1. *Habitar em comum*. 2. *Viver intimamente com alguém*. Para a mãe, porém, fato de ser coabitante traz uma carga muito grande para a vida de alguém, sendo imprescindível conhecer “as regras implícitas da sua coabitação” e “deixar claro o seu perímetro de poder, desde o primeiro momento. Como um bicho marcando, com a urina, os limites do seu território” (VERÍSSIMO, 2002, p. 140). A noção de intimidade apontada pelo dicionário consultado torna-se nula diante dos conselhos da mãe.

20 O casamento, então, deixa de ser visto como uma relação na qual o casal procura a felicidade e a união. Casar significa, como afirma a mãe, coabitar, definir território de poder. É uma guerra, não uma união entre dois seres que se amam.

21 Voltando à obra de Anthony Giddens, percebemos – diante das palavras da mãe – que o conceito do casamento passou por muitas mudanças ao longo da história, desde um casamento com fins puramente financeiro, passando pelo amor romântico que trouxe o casamento por amor até chegar naquilo que, supostamente, quer incutir os conselhos da mãe: um casamento feito por meio de interesses pessoais, sejam eles quais forem.

22 Mas, um elemento surge imponente, imprescindível para ajustar o casamento: o controle remoto. “Quem domina o controle remoto da televisão, domina o casamento” (VERÍSSIMO, 2002, p. 140). O controle remoto, representante maior da televisão, marca sua importância na vida em família, invade a intimidade do casal a ponto de ser crucial para a durabilidade do casamento.

23 A invasão dos meios de comunicação não pára por aí. Em “Estranhas afinidades” e “A mulher real, a mulher ideal”, de Moacyr Scliar, é a Internet que domina o espaço da intimidade.

No primeiro caso, um casal que tem seu relacionamento desgastado começa a se corresponder pela Internet, sem saber das suas verdadeiras identidades. Aqui, é possível distinguir o amor real e o amor virtual por suas peculiaridades. No relacionamento físico, do dia-a-dia, os personagens revelam apenas seu lado negativo: ambos são percebidos pelo narrador como “uma pessoa nervosa, irascível, de gestos bruscos” (SCLIAR, 2009, p.15).

24 Quando se relacionam virtualmente, porém, se mostram como pessoas afetivas, dotados de imaginação e carinho. “Um milagre da Internet?” é possível, diz o narrador, que a Internet tenha liberado em ambos “o seu lado bom, o seu lado positivo” (SCLIAR, 2009, p.16).

25 Esse novo tipo de intimidade, veiculada pela Rede Mundial de Computadores, é percebida por Paula Sibília, em *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo* como um fenômeno quase que ilimitado:

Em menos de uma década, os computadores interconectados através das redes digitais de abrangência planetária se converteram em poderosos meios de comunicação, por cujas veias globais circulam infinitos textos nas mais diversas línguas, que são permanentemente escritos e reescritos, lidos e relidos – e também esquecidos ou ignorados – por milhões de usuários do mundo inteiro. Entre eles prosperam, com incrível força, as novas modalidades de escritas íntimas (ou *éxtimas*), mas agora tudo acontece em tempo real: na velocidade do instante, que é o simultâneo para todos os usuários do planeta (2008, p. 57-58).

26

27 É claro que o relacionamento construído tendo como base a correspondência não é privilégio dos internautas. Desde muitos anos, pessoas procuram encontrar seu amor por meio de programas e agências que se dedicam exclusivamente a isso. Agora, porém, como afirma Sibília, na velocidade de um piscar de olhos.

28 A autora nega, entretanto, que a escrita de hoje é apenas uma evolução das antigas cartas. A diferença não está somente no aspecto quantitativo, mas no âmbito qualitativo também.

A lógica da velocidade e do instantâneo que rege as tecnologias informáticas e as telecomunicações, com sua vocação devoradora de tempos e espaços, sugere profundas implicações na experiência cotidiana, na construção das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos (SIBILIA, 2008, p.58).

29

30 Segundo a autora, esses aspectos tornam os dois meios de comunicação totalmente diversos e irreconciliáveis.

31 Outro ponto é apontado por Sibília: a exposição da subjetividade. Citando Kafka, ela aponta a relação virtual como uma relação com “fantasmas”. Por meio das palavras circunscritas, o sujeito fantasia a respeito de si mesmo e tem o poder de convencer o outro a respeito de sua subjetividade e de sua aparência. Na crônica já citada, percebemos que esse fantasma não é somente o outro, mas com o próprio *eu*. Os próprios personagens questionam-se a respeito de sua própria personalidade:

Quem sou eu, perguntava-se ela. Com razão. Nas mensagens que enviava pela Internet revelava-se, para sua própria surpresa, uma pessoa afetiva, dotada de rica imaginação e capaz de construir uma relação amorosa mesmo a distância (...)

Como é possível, indagava-se ele, inquieto, que eu tenha, por assim dizer, duas vidas? Como é possível que estas duas partes de mim sejam tão diferentes, tão incompatíveis? (SCLIAR, 2009, p. 16).

32

33

34 Poderíamos dizer que eles estão fingindo ser quem não são ou ainda não ser aqueles que realmente são? Segundo Jean Baudrillard, a situação é mais complexa, já que na dissimulação ou no fingimento fica intacto “o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘real’ e do ‘imaginário’” (1991, p. 9).

35 Em se tratando da crônica acima, o limite entre a realidade e a simulação não está clara nem para o leitor nem mesmo para os personagens. A dúvida da verdadeira personalidade aflige a ambos, e a melhor alternativa é ficar com o simulacro, o virtual, haja vista que este se apresenta muito melhor que o real. Diante da dúvida e da possibilidade de se descobrirem verdadeiramente, preferem “continuar na Internet para ver se encontram o Príncipe Encantado, a Princesa Encantada” (SCLIAR, 2009, p. 17).

36 O mesmo simulacro da realidade e até mesmo sua distorção encontramos na segunda crônica acima mencionada. “Mulher real, mulher virtual” é por si só um simulacro, inclusive no seu próprio o formato inserido no meio tecnológico. O texto é apresentado como se fosse o próprio e-mail de uma mulher que tentara assassinar seu namorado virtual após ter sido descartada por ele, logo depois de seu encontro físico.

37 Em seu texto, a mulher procura justificar sua conduta diante do homem com quem mantivera um romance virtual. Ela diz que o entende e não compreende a própria personalidade, que na verdade são duas: uma quando escreve seus e-mails apaixonados, e outra, pessoalmente. E, sem dúvida, tanto o namorado quanto a própria autora da confissão preferem a mulher virtual. Vejamos alguns trechos interessantes:

Você está feliz, feliz como nunca estive em sua vida. Você abençoa essa tecnologia que lhe permite viver um verdadeiro romance virtual. E você não faz a mínima questão de conhecer essa parceira. Você prefere os delírios da imaginação amorosa à realidade, que, como você mesmo disse em uma mensagem, frequentemente revela-se decepcionante (SCLIAR, 2009, p.54).

38

39 Segundo Paula Sibilia, se “os relacionamentos virtualizados que proliferam na internet costumam prescindir do contato imediato com os corpos materiais dos interlocutores, isso não impede que nessas trocas sejam criados fortes laços afetivos” (2008, p. 59). A autora adverte, entretanto, que “essas novas práticas insinuam que hoje estaria se multiplicando até o infinito (...) aquelas ‘relações com fantasmas’ que assombravam as cartas kafkanianas” (2008, p. 59).

40 Isso tudo nos leva a observar que, se os relacionamentos virtuais estão tomando proporções gigantescas na vida cotidiana do homem moderno, os encontros físicos estão desmoronando diante da simulação do real. O que pode significar que podemos livremente fantasiar uma realidade que não existe, desde que se evite compartilhar o que é realmente verdadeiro.

41 Essa encenação não é apenas para o outro, mas para si próprio. Fantasia-se ser alguém e até acredita-se que esse alguém verdadeiramente existe. “Não o procurarei mais, Lion, mas preciso que você me ajude a responder à pergunta que me tortura: quem sou eu, Lion? Sou a gentil e apaixonada autora dos e-mails ou sou a violenta mulher de revólver na mão?” (SCLIAR, 2009, p.54-55).

42 É possível perceber, contudo, que a transformação das convenções da intimidade não se deve apenas à tecnologia e tudo mais que a acompanha. Os valores também mudaram. A emancipação feminina traz uma nova roupagem para determinados conceitos e costumes sociais dentro do próprio casamento. É o caso da adoção do sobrenome, por exemplo.

43 Na crônica “O destino do sobrenome”, de Moacyr Scliar há uma verdadeira discussão a respeito do assunto. Uma moça bonita e inteligente, ao observar a submissão de sua mãe diante do seu pai, que a maltratava e a anulava por completo, decide que só se casaria se o rapaz aceitasse adotar o sobrenome dela.

44 Muitos rapazes a procuraram, desde o mais inteligente e bonito até o mais humilde e insosso. Nenhum, porém, se submeteu a tamanha humilhação. “Completa inversão de valores?” (SCLIAR, 2009, p. 130). A moça acabou sozinha e até se interessou por um colega de trabalho. Mas o rapaz tem um problema: o mesmo sobrenome que ela. Se for assim, nada feito.

45 O sobrenome sempre marcou a sociedade como um sinal de poder. Nos séculos passados, havia a obrigatoriedade de a mulher adotar o sobrenome do marido. Até hoje esse costume é bastante comum, com a flexibilidade de escolherem cada um ficar com seu próprio

sobrenome. Agora, o marido adotar o sobrenome da esposa já um caso mais raro.

46 O casamento, que já não era uma obrigatoriedade para a mulher como nas décadas anteriores, agora também não marca a supremacia do homem sobre sua esposa por meio da adoção do seu sobrenome. Não há hierarquias na relação íntima. O que se pretende é a democratização nos relacionamentos íntimos.

47 Esse fenômeno é percebido por Anthony Giddens, que aponta a democracia na vida pessoal como um grande avanço na autonomia pessoal. Essa, por sua vez, “permite aquele respeito pelas capacidades do outro, intrínseco a uma ordem democrática” (GIDDENS, 1993, p. 206). A importância desse aspecto na vida de homens e mulheres refere-se ao respeito mútuo, evitando o abuso emocional.

48 Ainda segundo Giddens, é possível “vislumbrar o desenvolvimento de uma estrutura ética para uma ordem pessoal democrática, que nos relacionamentos sexuais e em outros domínios pessoais se adaptam a um modelo de amor confluyente” (GIDDENS, 1993, p. 206).

49 Esse amor confluyente, democrático e de respeito mútuo talvez seja o mesmo que envolve o casal José e Maria - protagonistas da crônica “Lar desfeito”, de Luís Fernando Veríssimo -, juntos há 20 anos e... felizes. “Tão felizes que um dia, na mesa, a filha mais velha reclamou: - Vocês nunca brigam?”

50 Na sociedade da separação e do divórcio, um casal que vive junto e feliz há tanto tempo parece estar deslocado do mundo. Nesse sentido, tem “sido amplamente declarado que as relações de parentesco foram se destruindo com o desenvolvimento das instituições modernas, que deixaram a família nuclear em um enorme isolamento” (GIDDENS, 1993, p. 109).

51 As chamadas famílias recombinações tomaram conta de um imenso espaço social, gerando novos laços de parentesco e modificando as relações familiares e as negociações próprias desse novo formato. Pais e madrastas, mães e padrastos, entre outras combinações, lutam pelo amor e atenção dos filhos.

52 Na crônica acima citada, percebemos a influência de uma nova convenção social acerca do casamento. O casamento duradouro, fonte de orgulho para toda família, torna-se motivo de vergonha para os filhos.

Vera, a filha mais velha, tinha uma amiga, Nora (...). os pais de Nora viviam brigando. Era um drama. (...) Vera consolava a amiga. Mas no fundo tinha uma certa inveja. (...) Devia ser bacana ser infeliz assim. (...)

Vitor, o filho do meio, frequentava muito a casa de Sérgio, seu melhor amigo. Os pais de Sérgio estavam separados. (...) O sonho de Vitor era ser irmão de Sérgio.

Venancinho, o filho menor, também tinha amigos com problemas em casa. (...) Bacana (VERÍSSIMO, 1996, p.107-108).

53

54 A inversão de determinados valores sociais é evidente nos trechos acima. O que deveria ser motivo de pena – pais brigando, separados, problemas com adultério, etc. – torna-se motivo de inveja entre os filhos de José e Maria. Eles queriam fazer parte das famílias “normais” da sociedade. Ter pais que se amam e não brigam tornava a situação insustentável dentro daquela casa.

55 Diante do apelo dos filhos, o casal começa a brigar até chegar à separação propriamente dita. As crianças tornaram-se normais, sujeitos de uma sociedade de relacionamentos fragmentados e famílias destruídas. Seus amigos os consolavam.

56 José e Maria? Encontravam-se às escondidas para namorar e sonhavam com o momento em que seus filhos crescessem e saíssem de casa. “Aí então estaremos livres das convenções sociais. Não precisaremos mais manter as aparências” (VERÍSSIMO, 1996, p. 109), confessa um dos dois.

57 Seria então o fim da instituição do casamento? O antigo “felizes para sempre” foi substituído por “infelizes até qualquer dia”? Onde estão os contos de fadas que nos alimentam o sonho de uma vida feliz ao lado do “Príncipe encantado”, da “Princesa encantada”? Seria a nova geração dominada por uma desilusão quanto aos relacionamentos familiares felizes?

58 As adolescentes, Nora e Vera, enquanto se consolam diante das brigas e separação dos pais, afirmam que a família é uma “instituição podre” (VERÍSSIMO, 1996, p. 109). O amor romântico, tão alimentado pelas jovens do século XIX, parece ser substituído pela desilusão da modernidade. Nada é para sempre, tudo é efêmero. “Tudo o que é sólido desmancha no ar”, como diria Marshall Berman (1986). Essa afirmação é corroborada por Zigmunt Bauman em *Amor Líquido*. Para ele, houve uma transformação nos relacionamentos íntimos do estado sólido para o líquido. Evidencia-se, então, o conceito de “líquido mundo moderno” e da “fragilidade dos laços humanos” na pós-modernidade.

59

## Conclusão

Na verdade, a extinção das esferas pública e privada, próprias desse momento, torna a intimidade mais pública, mais dos outros do que sua. Seus desejos devem passar pelo crivo dos devastadores olhos sociais. Completamente impulsiva, a sociedade pós-moderna coloca também no carrinho de compras, juntamente com todas as outras mercadorias, o amor, o desejo, a intimidade com alguém. E, com igual cuidado, se desfaz dessas mercadorias todas, inclusive os relacionamentos. Nada é durável. A era do descartável inclui pessoas e amores.

Guiada pelo impulso (...), a parceria segue o padrão do shopping e não exige mais que as habilidades de um consumidor médio, moderadamente experiente. Tal como outros bens de consumo, ela deve ser consumida instantaneamente (...) e usada de uma só vez, sem “preconceitos”. É, antes de mais nada, eminentemente descartável (BAUMAN, 2004, p.14).

Para fugir de todo esse turbilhão de efeitos contrários ao relacionamento íntimo – que poderia ser duradouro – o homem pós-moderno só tem uma chance: isolar-se completamente, longe de tudo e de todos, sem obedecer às novas convenções, que são avassaladoras, até mesmo cruéis. Difícil é viver longe dessas possibilidades, que são apresentadas ilimitadamente aos “consumidores”. O fascínio da pós-modernidade parece estar estreitamente atrelado à desilusão, à depressão de não conseguir vencer as ofertas. E, pior ainda, é saber que o consumismo é uma via de mão dupla: você é consumidor e é consumido; descarta e é descartado. Coisas da vida pós-moderna!

## Referências Bibliográficas

- 1] BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- 2] BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- 3] BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- 4] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio do século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001.
- 5] GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
- 6] SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- 7] VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- 8] \_\_\_\_\_. **Sexo na cabeça**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- 9] SCLIAR, Moacyr. **Histórias que os jornais não contam: crônicas**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.